

Carta dos Leitores

Uma rosa é uma rosa - o poder do nome e a decoreba

.....

Marcel Novaes

Instituto de Física, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

.....

As coisas caem por causa de uma força chamada “gravidade”. Uma colisão na qual a energia cinética se conserva é dita “elástica”. Reações “exotérmicas” liberam energia. Afirmarções como essas não dizem absolutamente nada sobre a natureza. São apenas definições, não passam de jargão, termos técnicos utilizados para facilitar a comunicação. Saber uma definição não é o mesmo que entender um fenômeno. No contexto escolar, dar ênfase às definições em detrimento do entendimento conceitual constitui a famosa “decoreba”.

Que o ensino brasileiro seja baseado na decoreba já é mais do que sabido. Até o Prêmio Nobel de física Richard Feynman observou esse fato. Esse estado de coisas é universalmente deplorado, todos se insurgem contra a decoreba, todos a abominam, ninguém levanta um fio de voz em sua defesa. Mas ela persiste.

Não sendo estudioso do processo de aprendizagem, quero apenas chamar atenção para a relação profunda que os seres humanos possuem com os nomes das coisas e com a possibilidade de nomeá-las. Acredito que essa relação, provavelmente enraizada em profundezas psicológicas, explique em parte a resiliência da decoreba e a dificuldade que todos sentem em lidar com ela.

Por exemplo, no Livro do Gênesis lemos que Deus criou o mundo por meio do verbo, que é um processo de nomeação: “E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite (...) E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.”

Mais adiante, Adão, o primeiro homem, se relaciona com o mundo através de um processo de nomeação: “Havendo, pois, o Senhor Deus formado

da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo”.

Ao chamar o gado de gado e a ave de ave, Adão se aproxima deles, torna-os um pouco menos estranhos, um pouco menos alheios a ele mesmo. E, de certa forma, exerce sobre eles um pequeno poder. Afinal, a vaca e o pássaro não falam. Não podem decidir como Adão será chamado. É somente ele que escolhe como chamar às outras criaturas. É ele quem decide os nomes dos demais e, ao fazê-lo, impõe sobre eles certa medida de controle.

Ao afirmar, em Romeu e Julieta, que “uma rosa com outro nome teria igual perfume”, William Shakespeare relativizou a importância dos nomes. Está correto, objetivamente falando, mas subestima os fatores psicológicos associados ao tema. Por outro lado, o célebre verso de Gertrude Stein, “uma rosa é uma rosa é uma rosa”, reafirma a irredutibilidade da identidade, simbolizada sobretudo no nome.

Conta-se que parte importante de rituais de exorcismo é conseguir que um demônio revele seu verdadeiro nome porque, ao fazê-lo, ele perde força. O que era nebuloso, misterioso e perigoso acaba se revelando, se tornando claro, passível de compreensão e de controle. Em notável contraste, na religião judaica o nome de Deus jamais é pronunciado.

O ato de nomeação é um ato de revelação e de dominação. Quando dizemos que a razão por trás da queda dos corpos é a força da gravidade, estamos tentando colocar esse fenômeno sob nosso domínio (quando falamos em

E-mail: marcel.novaes@gmail.com.

curvatura do espaço-tempo, ampliamos esse domínio). De fato, matemáticos profissionais valorizam muito as definições, ao ponto de na matemática se considerar que “uma boa definição vale mais que mil demonstrações”.

Ao darmos nomes aos conceitos, nos

apropriamos deles e os revelamos. Delimitar uma questão, circunscrever um problema, isolar sua verdadeira natureza, é meio caminho para entendê-lo. Por isso sugiro que o conhecido fetiche da definição, a reconhecida dificuldade em erradicar a decoreba, não são coisas

superficiais e de solução fácil, pois têm ressonâncias ancestrais e afligem não só estudantes mas também, e talvez principalmente, os próprios professores.